

Pequenos projetos, grande causa

Desemprego, desqualificação profissional, baixa auto-estima e miséria. É nesse cenário totalmente desfavorável que muita gente do Distrito Federal e outros brasileiros têm unido forças e buscado ajuda para conseguir uma fonte de renda. A maioria é formada por mulheres, acima de 30 anos, muitas vezes abandonadas pelos maridos, com filhos para sustentar e sem condições de se ausentar de casa para trabalhar.

A partir da união da comunidade, com apoio de organizações não-governamentais (ONGs), o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)

qualifica as donas de casa, que são transformadas em artesãs e empreendedoras. Para dar um toque original ao produto, elas recebem orientação de um profissional de design. O Sebrae abre os caminhos por meio da divulgação de publicações e a participação em grandes feiras nacionais.

Pronto! Essa é a fórmula para transformar mulheres economicamente não ativas em empreendedoras. O reconhecimento profissional e a conquista do mercado de trabalho aumentam a auto-estima de quem não tinha qualquer perspectiva.

O desenvolvimento sustentável tem como objetivo gerar fonte de renda descobrindo a vocação da comunidade e respeitando a realidade e a cultura próprias de cada uma. O governo federal criou há três anos o projeto Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS), que capacitou 500 municípios, com apoio de prefeituras, ONGs, universidades e principalmente o Sebrae. No Distrito Federal, foram inúmeras as iniciativas que resultaram na independência econômica de centenas de famílias. Conheça algumas dessas histórias. (Valesca Riviéri)

O fuxico que virou o maior tititi

fotos: Julio Fernandes

Para evitar o assédio dos senhores de engenho no período colonial, as escravas africanas montavam vigília com revezamento durante a noite. Com o intuito de espantar o sono, elas costuravam pequenas trouxinhas, que unidas se transformavam em colchas e tapetes. Assim nasceu o fuxico, que foi passado de geração em geração, e hoje é a última moda nacional. A trouxinha passou a ser feita com panos sofisticados e ganhou detalhes em tricô para serem aplicados na confecção de saias, blusas, sandálias e até biquínis.

É resgatando essa arte secular que o Grupo Fuxiqueiras reúne 40 mulheres de Santa Maria e 20 do Varjão. Elas se tornaram economicamente ativas e dizem que, apesar do nome, fofoca não tem vez no grupo. A maioria é dona de casa, que divide o tempo com trabalhos domésticos, a atenção com os filhos e o fuxico. Trabalhando seis horas por dia, elas ganham em média R\$ 300.

A líder do grupo, Cláudia Canabrava, 48 anos, diz que o papel do Sebrae vai



além da qualificação profissional. A instituição também abre as portas do comércio nacional. Após participar da Gift Fair, maior feira nacional de produtos, realizada em São Paulo, as fuxiqueiras conseguiram vender seus produtos para uma empresa paulista. Elas terão que aumentar a produção mensal de 600 para 30 mil

trouxinhas. "Basta procurar as grandes lojas e redes de supermercados e relacionar o produto ao Sebrae para as portas se abrirem", conta Cláudia. Além de treinar e oferecer um perfil diferenciado para o produto, o órgão também exige um rigoroso controle de qualidade.

Desempregada há mais de um ano, a

moradora de Santa Maria, Francisca da Silva, 38 anos, ganha a vida costurando trouxinhas. E ainda sobra tempo para cuidar dos quatro filhos. Com o marido desempregado, ela garante a compra do mês. "Eu sempre falei que não iria trabalhar a vida inteira na casa dos outros, que um dia eu iria ter minha própria fonte de renda", diz, orgulhosa.

Há mais de 30 anos, Maria das Dores Guimarães, 42 anos, faz crochê e artesanato, mas nunca conseguiu colocar o produto no mercado. Quando começou a participar do grupo de fuxico, ela descobriu que as trouxinhas podem ser enriquecidas com detalhes de crochê. Cria daqui, cria dali, ela acabou se tornando a design oficial do grupo. "Foi com o fuxico que comecei a criar. Meu marido brinca dizendo que na outra encarnação fui uma aranha. Se acabar a linha, acaba a vida para mim", filosofa.

SERVIÇO

Instituto Candango de Solidariedade de Santa Maria - 393-6779



Desenvolvimento 100 Dimensão

As dificuldades enfrentadas pelos moradores do poeirento Riacho Fundo II de cinco anos atrás, como falta de água, luz, infra-estrutura e principalmente emprego estimularam a união de um grupo de moradores que sentiam que estavam no mesmo barco: a exclusão social, o preconceito e o desemprego. Ociosos, eles se juntavam nos quintais das casas para buscar um rumo na vida. "Chegamos à conclusão que só podíamos ganhar dinheiro com o lixo. Alguém deu a idéia de procurarmos o Sebrae e foi quando tudo começou", recorda Sônia Maria da Silva, 42 anos, líder do grupo e atual presidente da 100 Dimensão.

O Sebrae abriu as portas do conhecimento para a coleta e reciclagem do lixo, compra de máquinas e equipamentos (esteiras e prensas) e agregou novos parceiros, como o Banco de Brasília (BRB). Assim surgiu a Cooperativa 100 Dimensão, com 27 pessoas e que hoje reúne 130 cooperados. A instituição recolhe 700 toneladas de lixo mensalmente — parte é prensada e vendida para reciclagem. O que pode ser aproveitado é transformado em artesanato como papel reciclado, esculturas de ferro, roupas, bolsas e o que mais a imaginação permitir inventar.

Donos do próprio negócio, os cooperados que fazem a coleta de lixo recebem R\$ 350 por mês; e os artesões, entre R\$ 450 e R\$ 550. O horizonte sem perspectiva deu lugar a empreendedores, que conquistaram uma fatia do promissor mercado da reciclagem.

Desempregada há mais de um ano, Domingas Farias, 44 anos, tinha consciência de que não possuía qualificação. Estudou até a 4ª série, e a idade já não ajudava. "Era diarista, mas as pessoas preferem as mais novas", conta. Soube da cooperativa por informações de uma vizinha e não pensou duas vezes. "Hoje não sou empregada, trabalho para mim mesma", vibra.

Tanto esforço e trabalho estão sendo recompensados. O governo federal doou uma área de 300 mil metros quadrados e a 100 Dimensão já está de mudança. Eles também ganharam um grande galpão da Embaixada da Inglaterra, onde funcionará uma cozinha com comida alternativa, a produção de artesanato, aulas de inglês, curso de teatro, curso pré-vestibular e sala de estudo para os filhos dos cooperados.

SERVIÇO

100 Dimensão - 949-0191 e 9903-3717

Alta qualidade

Oferecer bordado de alta qualidade é o segredo do sucesso da Associação de Produção Artesanal de Santa Maria, que reúne 80 mulheres. Com o Sebrae, elas aprenderam as técnicas do bordado, crochê, macramê vagonite e ponto cruz. A assessoria de design ajudou a descobrir as tendências. Só este mês foram exportadas 600 peças para São Paulo.

O Instituto Candango de Solidariedade (ICS) cedeu o espaço para a associação. Administra a produção (compra de material), a venda para vários estados, o rigoroso controle de qualidade e o pagamento das associadas. "Além de resgatar a cultura do bordado dentro dos mais exigentes padrões de qualidade, estamos gerando empregos para mulheres que eram ociosas e algumas até doentes", afirma Miraci Marques, representante do ICS em Santa Maria.

Há um ano e seis meses, a artesã Ciceira da Silva, 42, não sabe o que é desemprego. "É bom saber que agora dá para planejar minha vida", comemora.

SERVIÇO

Grupo de Fuxico de Santa Maria - 393-7437 e 9608-0480

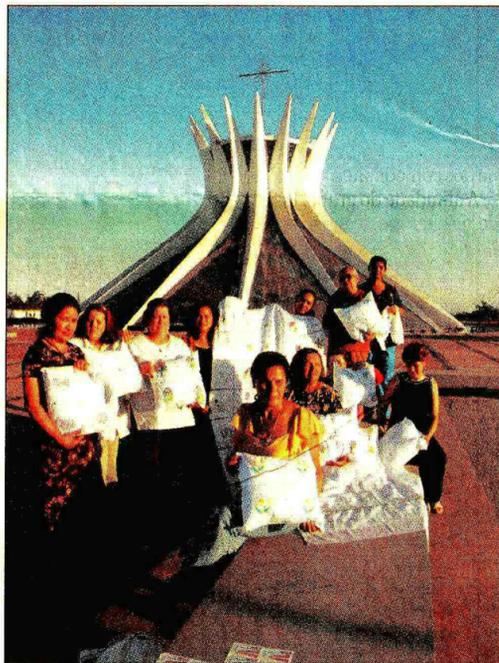
Monumentos e bordados

Os monumentos criados por Oscar Niemeyer também podem ser apreciados no bordado singelo do grupo de bordadeiras da Associação de Bordadeiras de Taguatinga Flor do Ipê. Há três anos, cerca de 22 artesãs resolveram buscar ajuda no Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal (Sebrae). Na época, elas trabalhavam independentes e vendiam o artesanato na Feira de Taguatinga.

O Sebrae ofereceu aperfeiçoamento com a artesã de Pirapora Antônia Drummond e o aprimoramento da produção com o design Renato Imbroisi foi o primeiro passo. O resultado do bordado feito em almofadas e colchas foi aprovado pelos empresários paulistas na Gift Fair, Feira Internacional de Presentes.

"Apesar de participarmos de feiras em shoppings do DF, o nosso produto foi mais valorizado lá fora. Estamos conseguindo fechar bons negócios", avalia Glaucemira da Silva Rodrigues, 36 anos, presidente da associação. As artesãs estão produzindo cerca de 200 almofadas por mês e lucrando entre R\$ 250 a R\$ 500.

A baiana Glaucemira, chamada carinhosamente de Gal, veio para Brasília há dez anos para acompanhar o marido. Deixou um emprego de bancária e nunca mais conseguiu ingressar no mercado de trabalho. "Distribuí currículos, tentei concursos e



nada. O jeito foi fazer artesanato, e mesmo assim não dava dinheiro", conta. Hoje ela dirige o grupo e borda quando sobra tempo.

Se para Gal o mercado de trabalho estava fechado, para a pensionista Lindomar Pereira, 71, as chances eram ainda menores. A pensão do marido não dava para sustentar os três filhos que moram com ela. "É com o dinheiro do bordado que consigo pagar as contas", diz a senhora sorridente de cabelo grisalho, que não pára de bordar.

SERVIÇO

Associação de Bordadeiras de Taguatinga Flor do Ipê - 563-3094 e 9607-9062

